

01-12-2020

PRISÃO PERPÉTUA

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

Meu advogado convencia a todos no tribunal da minha pueril inocência e o júri curvava o dorso para minha absolvição. Eu continuaria escondendo meu crime, passaria ileso por toda a vida e gozaria da liberdade vagante.

Eis que no final da defesa, levanto-me e grito para o juiz: “Eu sou culpado, eu carrego a marca do crime”. Sim.

Eu escrevo. O pior tipo de criminoso é aquele que confessa e para este não há indulto. Rapidamente fui sentenciado à prisão perpétua, pedi a cadeira elétrica, mas os sádicos leitores me jogaram na cela solitária da escrita.

Há um ano fui convidado para escrever crônicas no Multiplicadores Visat. Eu aceitei o convite e o pior: eu escrevi. Poderia dizer “beleza, vamos ver” e nunca mais tocaria no assunto. Quando mandei a primeira, recebi dos editores “parabéns” e, na mesma linha: “aguardamos a próxima”. Eu jurava que iria escrever apenas uma e, quando me desse na telha, outra. NÃO!

Prender palavras no papel é um trabalho que exige método, disciplina e rigor. Neste ínterim, foi-me revelado pelos deuses magricelas “escrever é um trabalho penoso que te leva às profundas minas, aos imensos desertos canaviais”. Enfim, eu já havia vestido o uniforme listrado.

Não me levem a mal, mas eu fugia da escrita porque sempre preferi a leitura. Ler é um ato pernicioso e erótico, eu me declaro um leitor poligâmico incorrigível.

Até tentei análise, mas me apaixonei pela psicanalista.

Eu passava o dia todo pensando na quantidade de texto que o silêncio daquela mulher guardava.

O perfume foi alterado, as roupas foram bem passadas e o cabelo estava todo arrumadinho, nada alterava seu humor profissional e o silêncio sepulcral. Toda terça-feira, eu vivia o “Mil e uma noites” às avessas, uma encantadora Xerazade muda e que não soltava uma fagulha de história. O que me levava ao divã era desejo de ouvir apenas uma história. Idiota, naquela relação, eu era a Xerazade, eu que contava as histórias e o pior: eu pagava pelo direito de contar. As poucas palavras da minha analista eram sobre mim, como se estivesse fazendo anotações sobre o que lia. Só suspeitei da minha subalternidade pelo fato de a leitura exigir silêncio. O leitor é um esfomeado sádico e o escritor, um masoquista narcísico.

Nunca consegui ler apenas um livro de cada vez, lia dois, três, nos períodos de maior tara, quatro.

Na mesma proporção, raramente vi as últimas linhas.

Nas primeiras páginas, achamos que encontramos o amor da nossa vida, com o cansaço dos olhos, a relação desgasta. Aí, abrimos o coração para uma rápida paixão.

Quando me dou por conta, estou no sétimo livro e nem sequer voltei ao primeiro para dizer “olha, vamos dar um tempo. O problema não é você, sou eu”. A casa sempre cai para o nosso lado, achamos que o dia da aula nunca chegará e procrastinamos a leitura da xérox por um pouco mais de romance, de filosofia e, claro, poesia barata e vulgar.

Até que no exato dia, somos desmascarados pelos detetives do matrimônio intelectual – os professores.

O poligâmico é um sujeito maturado na ansiedade e anda por ruas, esquinas e bibliotecas desconfiado. Somos boas companhias, divertidos, distraídos, atormentados e meio neuróticos. Não nos confunda com os *book walkers*, esses sujeitos, que vivem com seus livros presos nos axilas, são vistos passeando na Universidade e indo ao culto.

Os leitores poligâmicos possuem um tipo de toc-literário e a virtualidade nos deu superpoderes. Não estamos mais submetidos às paredes das bibliotecas, ganhamos novas escalas. A *Amazon*, a Estante Virtual e a Saraiva não passam de um tipo de *Tinder* ou *Badoo* da leitura; somos frágeis e rapidamente caímos na tentação do *like*.

No mundo do sexo virtual, os encontros convencionais das livrarias esmaeceram-se; não apreciamos o peso, o resumo ou tateamos as folhas. Marcamos encontro com a capa e o título. A compulsão sexual da leitura torna-se a compulsão do consumo, são muitos encontros para relações duradouras e profundas, mas a leitura é fragmentada e descontínua. Viva a Sodoma e Gomorra virtual literária!!

Já me disseram que existem os leitores monogâmicos.

Para esse tipo de gente, evito até estender a mão.

Aposto que são uns mauricinhos de cabelo pregado de gel e com discurso de empreendedorismo literário.

Quando conversam, apresentam um ar de autoconfiança e autoconfiança dado pelo metodismo de quem faz fichamento das principais ideias. Claro, eles nunca usam canetas próximas aos livros, pois são preservacionistas e patrimonialistas. Os leitores monogâmicos gostam mais do livro do que da leitura. São uns exibidos. Em dias de pandemia, eles estão com a corda toda, só fazem *live* com um fundo livresco. Esse antropocentrismo intelectual nos diz “eu na frente, os livros atrás”. Ler é o oposto.

Talvez por eu desprezar a monogamia, eu fugi, por tanto tempo, da escrita. Esta é por excelência um ato monogâmico; ela é a sua face espelhada. Se eu batesse um papo com Bakhtin sobre a escrita, provavelmente ele me diria “a escrita não é monogâmica, mas sempre dialógica”. Neste exato momento, por efeitos especiais da pausa, beberia uma dose de conhaque, e sussurraria “sim, mas a mão que segura a caneta é sempre uma. A escrita é o funil uníssono que circunda o mundo do escritor”. A prisão da palavra na cela da folha tem uma grade com várias intersecções, mas fechar o cadeado é ato exclusivo de cinco dedos. Duas irmãs gêmeas, na aula de redação, escreveram sobre o mesmo cachorro. Escreveram o mesmo texto, com as mesmas palavras e pontuações.

continua

A professora interveio e disse que era plágio. Como assim? Algo natural, as meninas dormiam no mesmo quarto, faziam as mesmas refeições e, sobretudo, tinham o mesmo cachorro. Só que a escrita é a marca do que é único: a existência. Esta que nos torna universalmente únicos. O fluxo de consciência que mistura pensamento, palavra, imagem, latido, mundo, mundo-cão, au-au-au e cão-mundo fazem do mesmo cachorro duas imaginações caninas distintas. Duas pessoas não escrevem o mesmo texto e nem lemos o mesmo livro duas vezes. Traduzindo, as meninas queriam enganar a professora, mas os vários anos de vida pedagógica tornaram-na uma perita na leitura dos olhares. O mito de narciso é o companheiro inseparável do escritor. Amamos o nosso reflexo, admira-nos o que é frágil e profundo. Quando escrevemos colocamo-nos na prisão da eternidade. Partiremos, mas a nossa pintura rupestre ficará, o texto é maior que escritor e o leitor torna-o infinito, como saudou Eco. O escritor prende parte de si para ele (o texto) tornar-se infinito. Poxa vida, é narcisismo puro. Corrigimos com severidade o texto alheio, o nosso sempre fazemos um cafuné e achamos lindo. Ficamos tão embriagados com a beleza das nossas crias que deixamos escapar erros ortográficos elementares. A palavra é o leite materno da vida, portanto, escrevemos sobre os alimentos digeridos pela consciência. A escrita resulta da amálgama corpo e alma organizada em caracteres ou traçado cursivo, mas é sobretudo um ato de reação. O escritor é um inconformado que traduz as suas conturbações de alma-corpo-mundo. A escrita é antecipação da leitura, o escritor gesta nas ideias o que queria ler e ainda não foi escrito. Há um ano escrevo sobre o desejo de um mundo mais justo, porque quero ler sobre um mundo mais justo. Enfim, aceitei a sentença. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.